

AGRESSIVIDADE INFANTIL: ENTRE OS FATORES EMOCIONAIS E AMBIENTAIS

Larissa DAVID FERREIRA¹
Andréia Cristiane S. WIEZZEL²

RESUMO Neste trabalho busca-se investigar as possíveis causas da Agressividade Infantil, destacando o que é considerado “normal” e o que é preocupante nas atitudes das crianças que são consideradas agressivas. A pesquisa é eminentemente teórica e conta com um levantamento bibliográfico sobre o tema que possibilita que a mesma sirva como suporte para pais e professores, e também para os demais interessados no assunto. A opção pela pesquisa bibliográfica ocorreu porque o tema é pouco explorado nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas. Sendo assim, os professores vão para sala de aula com uma “defasagem” no que diz respeito às relações existentes entre alunos e suas “manifestações agressivas” que ocorrem dentro e fora da sala de aula. O presente trabalho aborda traços da teoria da Aprendizagem Social de Albert Bandura e da teoria de Winnicott exposta principalmente no livro “A Criança e o seu Mundo”, que em união darão ao tema uma visão tanto dos fatores emocionais como dos ambientais.

Palavras-chave: criança, agressividade, educação infantil

1 INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre as dificuldades encontradas no dia-a-dia da sala de aula de uma escola de educação infantil, deparei-me com o grande número de alunos classificados como problemáticos por seu comportamento considerado altamente agressivo.

Os pais culpavam a escola, a escola culpava os pais e enquanto isso, o

¹ Discente do 4º ano do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP – Campus de Presidente Prudente. e-mail@ laradayvid@bol.com.br.

² Docente do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP – Campus de Presidente Prudente. Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005) e-mail@ andreia_prudente_unesp.br.Orientadora do trabalho.

comportamento das crianças ia piorando. Notava-se claramente a falta de compreensão para com essas crianças e uma ausência total de regras e limites que fossem realmente cumpridos. De quem seria a culpa? Por que essas crianças agiam assim? O que fazer para melhorar a situação? Como lidar e ao mesmo tempo compreender essas crianças?

Diante disso, surgiu a necessidade de pesquisar sobre a Agressividade Infantil, em torno de 2 a 6 anos, enfocando a influência do meio e do desenvolvimento emocional nas atitudes das crianças. Dessa forma, seria possível perceber qual o papel dos pais e da escola no processo educacional das crianças.

Muitos são os professores que têm que lidar com esse tipo de situação e muitas vezes por não saber como, acabam piorando ou perpetuando o problema. Da mesma forma, pode-se apontar um grande número de pais que já perderam sua autoridade perante os filhos e não conseguem resolver ou amenizar o problema, já que se encontram desmotivados e também precisam de ajuda.

Tal projeto teve como objetivos criar condições para que se possa entender as possíveis causas da Agressividade Infantil, destacando a influência do meio em algumas atitudes infantis e oferecer um suporte teórico que possibilite a criação de diferentes formas de lidar com as “crianças agressivas”.

O presente trabalho é uma pesquisa eminentemente teórica que pesquisou a agressividade infantil em crianças pequenas (2 a 6 anos) tanto em seus fatores ambientais como emocionais.

Os procedimentos metodológicos foram levantamento bibliográfico de livros, periódicos, sites, filmes e documentários que abordam o tema e leitura, reflexão e análise do material levantado.

O contexto do mundo atual propõe um grande desafio tanto para os pais como para os professores e demais profissionais da educação tendo em vista que a violência tem feito parte de nosso cotidiano, e do das crianças também, mesmo que implicitamente.

Quando o bebê nasce, ele traz impulsos amorosos e agressivos, e à medida que vai sendo cuidado pelos pais, passa a construir vínculos afetivos e a desenvolver seu relacionamento interpessoal. É através da sensação de ser protegido e cuidado e dos limites que lhe vão sendo impostos que a criança vai alicerçando sua personalidade. Como ressalta Marques:

O comportamento agressivo na criança é normal e deve ser vivenciado por ela. O grande problema é que ela não sabe como controlá-lo. Normalmente, acontece quando se sente frustrada ou quando necessita mostrar aos pais que algo não vai bem. Muitas vezes a criança provoca um adulto para que ele possa intervir por ela e controle seu impulso agressivo, já que ela é pequena e não tem condições de fazer por si própria. Por isso precisa de um "para com isso" ou "eu não quero que você faça". É como se ela pedisse para levar uma bronca. Nessa hora é como se o adulto emprestasse seu controle para a criança.

O problema é que atualmente não são muitas as crianças que podem contar com essa base sólida e tão importante chamada família. Inúmeras crianças não têm em sua casa os referenciais básicos que possam ser seguidos, imitados e tidos como modelo.

Além disso, existem outros problemas, como a falta de tempo dos pais (comum nos dias atuais), a entrada antecipada na escola e aumento da permanência nessa, fora a imensa variedade de programas, jogos (vídeo game) e desenhos classificados como infantis, mas que na realidade trazem diversas manifestações agressivas que acabam servindo como "modelo imitativo" para as crianças.

A agressão aprendida através de exemplos de modelos mediadores tem a capacidade de desinibir comportamentos ou eliciar novos como vem apontando diversos experimentos baseados na teoria de Bandura. (OZELLA, 1979).

Diante disso fica difícil saber como agir de forma correta, tanto no ambiente profissional como no familiar, e também como ajudar essa criança para que a agressão não se torne tão freqüente ou faça parte da vida adulta da mesma de forma descontrolada.

2 DESENVOLVIMENTO

Sendo assim o relatório foi organizado em quatro partes. A primeira servirá como suporte para conceituação de agressividade destacando a opinião e hipóteses de alguns estudiosos, com destaque para a teoria de Winnicott.

A segunda parte aborda a relação mãe e filho e sua relação com o desenvolvimento emocional. A terceira parte apresenta as possíveis causas da agressividade, relacionando ao tema aspectos familiares e ambientais.

Já a quarta parte traz as formas de lidar com a criança agressiva, tanto em um ambiente familiar, com os pais, como num ambiente escolar, com professores e na quinta parte aborda-se algumas considerações finais sobre o assunto estudado.

2.1 O que é agressividade?

O tema agressividade sempre foi objeto de análises e pesquisas, mas foi recentemente que a preocupação com o mesmo acentuou-se, “o que pode ser observado com o número de pesquisas citadas no Psychological Abstracts: produziu-se, a partir de 70, três vezes mais estudos que nas décadas anteriores”. (LEITE, 1987)

Sabemos que a agressividade é algo natural e que está presente em todos os indivíduos. Porém, a maneira com que se reage frente a ela está intimamente ligada às leis, valores, crenças etc, que variam conforme a sociedade e cultura.

Existem diversas definições para agressividade e a dificuldade para se definir o comportamento agressivo é apontada como problema por alguns estudiosos.

A definição mais utilizada é encontrada em trabalhos de Dollard, Doob, Miller, Mowrer e Sears e é caracterizada como “seqüência de comportamentos que tem como objetivo ou intenção causar dano a uma pessoa”. Lembrando que esses danos podem ser físicos, psicológicos ou ainda morais e que geralmente os atos agressivos não são a verdadeira expressão de raiva, mas sim desvios de outros sentimentos como mágoa, insegurança, entre outros.

Na tentativa de “solucionar” o problema da definição existem três modelos de teorias:

-teorias instintivas: consideram a agressão como resultante de um instinto agressivo e inato.

-teorias do “Drive” Agressivo: consideram a agressão como resultante da frustração.

-teorias da aprendizagem: a agressão como resultante do processo de aprendizagem social.

Freud foi um dos “defensores” da teoria instintiva, posto que para ele os instintos humanos são de apenas dois tipos: os de vida (que tendem a preservar e unir-

esforço para viver) e os de morte (tendem a destruir e matar).

A agressão representa para Freud uma descarga do instinto de morte e a intensidade e as formas de expressão da agressão podem ser modificadas e atenuadas pela influência do instinto de vida. Essa descarga é vista como inevitável (não tem como eliminá-la) e seu impedimento é tido como perigoso na medida em que pode levar a auto destruição.

Para Freud o instinto de morte (destrutivo):

está em atividade em toda criatura viva e procura levá-la ao aniquilamento, reduzir a vida à condição original de matéria inanimada. O instinto de morte torna-se instinto destrutivo quando com auxílio de órgãos especiais, é dirigido para fora, para objetos. O organismo preserva sua própria vida, por assim dizer, destruindo uma vida alheia.(FREUD, [1932], 1996 apud ANDRADE, 2007, p. 204)

Segundo Bandura (1973) essa teoria acarreta numa isenção da responsabilidade social já que se trata de algo inato e inevitável.

Os teóricos da hipótese do Drive Agressivo acreditam que o homem seria motivado a comportar-se agressivamente pela produção do “drive” provocado por frustração ao invés de ser por uma força agressiva inata. Entende-se frustração como uma condição em que há uma interferência numa resposta dirigida a um objeto que não permite que esta o alcance. (LEITE, 1987)

A agressão seria então, uma resposta naturalmente dominante à frustração. Sempre que ocorresse a agressão, a frustração estaria presente como sua causadora.

Essa teoria foi muito criticada pela própria definição de frustração que era ambígua e se enquadrava em diversas situações. Mas, não se pode esquecer da grande contribuição que a mesma deu ao estímulo de pesquisas sobre o assunto, já que passou-se a considerar que a agressão poderia ocorrer de modo que estímulos externos influenciassem na manifestação desse tipo de comportamento.

Bandura é o maior “responsável” pela teoria da aprendizagem social. O aspecto que mais caracteriza essa teoria é o da modelação definida como aprendizagem através da observação de modelos. Os modelos podem ser apresentados diretamente, pela família ou ambiente social geral, ou simbolicamente, através de imagens e de palavras.

Para que o processo de modelação ocorra se faz necessário que o

observador:

[...] tenha a atenção voltada para os pontos essenciais do comportamento, que retenha na memória os comportamentos do modelo; que tenha habilidade para que possa reproduzir os comportamentos observados e que eles tenham conseqüências favoráveis que motivem sua reprodução. (BANDURA apud OZELLA, p.17)

Assim sendo, o fato de ser exposto a modelos não significa que ocorrerá imitação, pois o grau de influência dos modelos varia nas pessoas. Quanto maior o status, poder do modelo, maior a possibilidade de ser imitado, quanto mais dependente, de baixa auto-estima, mais o observador se sentirá motivado a imitar alguém.

Nessa teoria as formas específicas do comportamento agressivo, sua freqüência, as situações em que ele ocorre e os alvos selecionados são determinados pela experiência social:

Os estudos genéticos sobre agressão, realizados até o presente, permitem afirmar que a agressão em si não é herdada. O que se transmitem são os fatores que influenciam ou facilitam a agressão, como tamanho, força, atividade hormonal e os próprios limiares de ativação das estruturas cerebrais. (LEITE, 1987, p. 156)

Pensando nos impasses sofridos por essas teorias, nessa pesquisa se propõe fazer uma relação entre o que faz parte do impulso agressivo e o que diz respeito aos fatores emocionais e ambientais.

Para tanto, apóia-se na teoria de Winnicott que aponta duas raízes para agressividade:

- no impulso amoroso primário (só é agressivo por acaso)
- na motilidade (sensoriedade, erotismo muscular)

Para Winnicott,

a possibilidade do exercício da agressividade é fundamental para esta não degradar em violência. No entanto, para que isso ocorra, é necessária a existência de um ambiente - que vai dos cuidados maternos à sociedade - que propicie um lugar de reconhecimento e legitimação dos seus aspectos construtivos e destrutivos, e que ofereça a possibilidade de reparação dos eventuais danos causados por estes.(ANDRADE, 2007 p. 35)

Sendo assim, a referência utilizada para discutir o tema será Winnicott,

apoiada principalmente em seu livro *A Criança e o seu Mundo*.

2.2 A relação mãe/filho e o desenvolvimento emocional.

Segundo Winnicott, o estudo da agressividade deve inserir-se em uma teoria do processo de maturação do ser humano, desde o nascimento até a morte. (LINS, 2000)

Em um primeiro momento a criança é influenciada pelo meio micro-social, ou seja, pela sua família. Somente depois é que irá assimilar os valores da sociedade e dos meios de comunicação.

O processo de maturação é “desdobrado em etapas, que vão dos estágios primitivos de dependência absoluta, passam pelos estágios ainda iniciais de dependência relativa e de rumo à independência e chegam aos estágios denominados de independência relativa”.(ANDRADE, 2007, p. 44).

No processo de dependência absoluta a unidade é a dupla mãe-bebê. Esse estágio (fusão entre indivíduo e ambiente) é chamado de “narcisismo primário”. O bebê recém-nascido necessita do amor e dos cuidados da mãe e ela deve realizar suas tarefas com prazer ou tudo o que fizer será mecânico e sem sentido.

Winnicott ressalta duas mães, a “mãe-ambiente” que fornece os cuidados ambientais totais propiciando um mundo estável ao bebê e a “mãe-objeto” que é alvo dos impulsos excitados.

No processo de dependência relativa (6 meses a 2 anos aproximadamente) há o início da desadaptação da mãe às necessidades de seu filho. É considerada uma fase importante para que o bebê adquira a compreensão de que existe um mundo independente dele.

Um exemplo que evidencia a transição do bebê de um estado em que está fundido com a mãe para um em que a percebe como algo separado, são os objetos transicionais. Os objetos transicionais são utilizados nas primeiras experiências do brincar e tornam-se indispensáveis e insubstituíveis durante algum tempo, principalmente em momentos de ausência materna (ex: ir dormir). Alguns objetos transicionais: lençol, babador, ursinho.

Esse período funciona como um processo de desilusão para o bebê, e o

papel da mãe no mesmo consiste em “suportar ser odiada”; já que passa a não satisfazer por completo seu bebê.

Para Winnicott, o que conta para o fato de ser boa mãe é o amor. Ressalta que se a mãe ama o filho estará dando a ele um bom princípio e dirige as mães que: “A saúde da pessoa crescida foi estabelecida no decorrer da infância, mas os alicerces da saúde do ser humano são lançados por você, nas primeiras semanas ou meses de vida do bebê”.(WINNICOTT, 1982, p. 25)

Para ele, o amor e o afeto da mãe interferem até mesmo na boa alimentação do bebê e na relação com outras pessoas. Desta forma é através da relação entre a mãe e o bebê que se adquire a base para as relações do bebê com outras pessoas e também com o ambiente.

O bebê privado de certas coisas, como o contato afetivo, tende a desenvolver perturbações no seu desenvolvimento emocional que serão reveladas futuramente através de dificuldades pessoais.

A mãe é necessária como pessoa viva que apresenta o mundo ao bebê (sua presença causa bem-estar e segurança) e também à tarefa de desilusão (os desejos nem sempre são saciados quando se quer).

Claro está a importância da mãe e de um ambiente caloroso que faça o bebê se sentir amado e acolhido. Entretanto, existe alguém que também é muito importante para a criança: o Pai. Conhecê-lo, saber o que ele é capaz de fazer, perceber seus defeitos, saber mais sobre sua vida e trabalho são aspectos importantíssimos para qualquer criança. (WINNICOTT, 1982)

Além disso, a figura paterna emerge como um reforço da relação mãe/filho, posto que: “A criança está constantemente predisposta a odiar alguém e se o pai não estiver presente para servir-lhe de alvo, ela detestará a mãe e isso confundi-la-á, visto ser a mãe quem a criança mais fundamentalmente ama”.(WINNICOTT 1982, p. 130)

Mas, no contexto atual, é cada dia mais difícil encontrar a base familiar que o bebê tanto precisa. São inúmeros os casos de bebês abandonados por suas mães, ou que não tem contato com os pais (muitas vezes nem sabem quem são), ou o que é pior, são rejeitados pelos dois. Além dos casos de abuso sexual e/ou violência dentro de casa, e da falta de tempo dos pais para com seus filhos.

Pensando assim, chega-se a conclusão de que são raros os casos de crianças que podem contar com a presença calorosa de seus familiares num ambiente

aconchegante, calmo e amoroso.

Mas, qual será a relação disso com a agressividade? No que a falta desse ambiente “propício” pode interferir?

2.3 Agressividade: Possíveis Causas.

São muitos os fatores desencadeadores de procedimentos agressivos, entre eles estão:

temperamento difícil e impulsivo; falta de carinho; violência física ou emocional; ausência de limites ou tolerância excessiva dos pais; excesso de energia mal canalizada; necessidade de experimentar limites até reconhecer os próprios controles; não tolerar frustrações; e deficiências físicas ou mentais ainda não descobertas (BRIZA e CLARO, 2005)

Como aponta Winnicott (1982) a agressividade também é tida como uma das muitas fontes de energia de um indivíduo. Sendo assim, todos nós estamos lidando com nossas cargas de impulso agressivo o tempo todo. O que diferencia um indivíduo do outro são as maneiras de manobrar esses impulsos, maneiras essas extraídas da experiência do indivíduo com o meio em que vive e das relações que estabelece com outras pessoas.

De acordo com Winnicott (1982), uma pessoa pode tender para agressividade, enquanto outra dificilmente demonstrará qualquer sintoma agressivo. É extremamente importante, que ainda na infância, a criança tenha oportunidade de expressar alguns de seus impulsos agressivos sem que se sinta menos amada por isso.

É de se esperar que, em geral, crianças recompensadas por agressão e as que vêem muita agressão nas pessoas que as cercam se tornem mais agressivas do que as crianças que tem modelos menos agressivos e que foram menos recompensadas por comportamentos agressivos.

Segundo STORR (1970), nós quando crianças sofremos muitas restrições (ex. não fazer, não tocar etc) fazendo originar dentro de nós reservas de agressão.

Pensando no futuro das crianças, os adultos chegam a proibir certas atitudes e comportamentos, mas como aponta STORR (1970, pág. 62) “é discutível que, ao

fazerem isso, eles tenham maior probabilidade de criar o tipo de personalidade que estão preocupados em evitar”.

Vale ressaltar que a criança que não manifesta seus impulsos agressivos tende a voltá-los para ela mesma, contra o seu eu, pode ficar tímida, perturbada, puxar os cabelos ou roer as unhas, deprimir-se, censurar-se, entre outros. Tratando de crianças (2 a 6 anos) devemos considerar que alguns comportamentos agressivos são normais, posto que as mesmas estão aprendendo a lidar com seus impulsos.

Até os 3 anos de idade certas atitudes como dar tapas, empurrar ou outro tipo de contato físico pode significar desejo de aproximação e não necessariamente vontade de incomodar.

Como aponta Davis e Oliveira (1994), Freud em sua teoria da personalidade destacou que nos primeiros anos de vida o bebê e a criança pequena são regidos apenas pela primeira estrutura psíquica chamada Id (reservatório de energia instintiva). Sendo assim, não possuem ainda muito controle sobre determinadas forças biológicas e sociais que agem sobre eles; além disso, não sabem esperar para que sejam atendidos em suas necessidades e são regidos pelo princípio de prazer.

Conforme o tempo vai passando, a criança vai amadurecendo e formando mais duas estruturas: o Ego (organiza a personalidade) e o Superego (controle sobre os impulsos). Uma das funções mais importantes do Ego consiste exatamente em desenvolver no indivíduo a capacidade de suportar as frustrações, os desejos não atendidos ou adiados.

Como já destacamos, infelizmente, nos dias atuais são poucas as crianças que podem contar com a ajuda constante dos pais durante essa etapa tão importante do desenvolvimento. Pela falta de tempo e acompanhamento dos pais as crianças, muitas vezes, acabam encontrando na televisão e nos games, além de diversão, referências e exemplos (modelos) de conduta.

Essas crianças, frutos da nova realidade dos dias atuais, chegam então à escola, a grande maioria ainda bebês. Muitas vezes, por passarem a maior parte do tempo nessas escolas maternais ou creches, é lá que manifestam as atitudes agressivas.

2.4 Formas de lidar com a criança agressiva.

Perante tantas indagações a mais pertinente é a de como lidar com a criança agressiva, tanto em casa quanto na escola, de maneira que não se prejudique o desenvolvimento da mesma.

Como já apontado, a agressividade também é tida como uma das muitas fontes de energia de um indivíduo. Dessa forma, o eixo central da indagação acima se resume em canalizar, isto é, desviar os impulsos agressivos à outras atividades e/ou objetos.

Essa sugestão deve ser acompanhada pelos pais e também pelos professores, pois como ressalta Winnicott “as tensões que são geradas num ambiente se manifestam como perturbações no comportamento do outro”.(WINNICOTT, 1982, p. 223)

Cabe à professora das fases iniciais (pré-escola) ajudar na relação das crianças com a família, oferecendo as mesmas contato com diferentes pessoas e oportunidades, posto que, geralmente, a frequência de conflitos entre as crianças, principalmente na escola, aumenta quando a área para atividades lúdicas é limitada e acabam levando a maiores experiências de frustração.

O convívio com outras crianças da mesma idade tende a enriquecer muito o desenvolvimento infantil e traz benefícios tantos em aspectos emocionais quanto em cognitivos, pois através da troca de experiências e da percepção daquilo que não faz parte do próprio “eu” é que muitas bases e relações vão sendo construídas.

Nessa faixa etária, 2 a 6 anos, a brincadeira é um meio fundamental para a criança resolver seus problemas emocionais. Na brincadeira, ela encontra uma maneira de lidar com seus impulso e sentimentos (agressividade, angústia, medo, alegria, entre outros).

Uma alternativa está nos jogos ou trabalho que envolvam uma ação diferente, sem que deixe de oferecer prazer à criança. Exemplo: o boxe (faz com que a criança se sinta bem porque gosta de agredir e dar pontapés, e faz sentir inconscientemente que está “expulsando” a maldade).

As atividades físicas devem permitir que os alunos gastem bastante energia e as brincadeiras privilegiar o contato físico entre as crianças, a exposição ao ar livre e alguns momentos de relaxamento. As regras de boa convivência podem ser trabalhadas

através de histórias sobre amizade, amor e relações tranquilas.

Como aponta Winnicott:

Visto as crianças em idade pré-escolar tenderem a ser vítimas de suas próprias emoções fortes e agressivas, a professora deve, por vezes, proteger as crianças delas próprias e exercer o controle e orientação necessários na situação imediata, e além disso, assegurar o fornecimento de atividades lúdicas satisfatórias para ajudar a criança a guiar sua própria agressividade para canais construtivos e para adquirir habilidades eficazes. (WINNICOTT, 1982, p. 223)

A criança deve ter contato com o maior número de experiências possíveis que devem ser oferecidas em casa e na escola também. Exemplo: objetos que possa explorar de diferentes formas como mordedor, quebra-cabeças, brinquedos de encaixe, chocalho, entre outros.

Cabe também aos pais e professores acompanhar o desenvolvimento da criança supervisionando os programas de TV, as brincadeiras e jogos, garantindo sempre o diálogo e interação entre ambos sem perder, contudo, a autoridade e nem reprimir a criança.

“É tarefa dos pais e professores cuidar para que as crianças nunca se vejam diante de uma autoridade tão fraca a ponto de ficarem livres de qualquer controle, ou por medo, assumirem elas próprias a autoridade”. (WINNICOTT, 2005, pág. 101)

Vale lembrar que os atos destrutivos não podem ser considerados isoladamente, pois nem sempre têm o mesmo significado e dependem de uma série de fatores, tais como experiência vivida e maturidade emocional. Mesmo assim, jamais se deve permitir que a criança agrida, bata ou chute outras pessoas. “Compreender que a criança está com raiva é uma coisa, permitir que ela nos agrida ou agrida os outros é algo muito diferente”. (MLYNARZ, 2000)

Deve-se falar com a criança em tom sério, que demonstre a autoridade e que deixe claro que o ato que ela cometeu não agradou. Às vezes, deixar de fazer algo que a criança goste também funciona. A criança em que perceber que é entendida e amada. Deve-se incentivar manifestações de afeto, segurança, senso de responsabilidade e de cooperação e o bom comportamento deve ser recompensado e elogiado.

Dessa forma, deve-se acompanhar a criança e dar a ela tempo para sua maturação, para que possa adquirir diferentes formas de lidar com o que surpreendentemente descobriu não fazer parte dela. O ideal é que durante esse processo ela possa ver nos pais e/ou professores bons exemplos de comportamentos e atitudes.

3 CONCLUSÃO

Ao pensar sobre agressividade infantil com enfoque nos fatores emocionais e ambientais, não podemos esquecer que as formas e graus de agressão dependem de muitos fatores, tais como:

- intensidade do sentimento de raiva;
- o grau de frustração a qual a criança foi submetida
- os reforços que recebe pelo seu comportamento agressivo;
- a sua observação e imitação de modelos agressivos
- o nível de ansiedade e culpa associado à expressão da agressão.

Nem sempre estratégias como castigar ou punir funcionam, mas o mais importante é que a criança entenda que existem limites para suas atitudes e que seus comportamentos podem não ser aprovados pelas outras pessoas.

Professores e pais devem servir como exemplo para as crianças. Por mais que elas aparentem ser agressivas e/ou violentas, são crianças e necessitam da ajuda, do carinho e da paciência dos adultos.

Tanto em casa como na escola a criança precisa ter o seu espaço. Mesmo em meio a outros irmãos ou coleguinhas de sala, ela precisa sentir que é amada e que é importante. Precisa ter espaço para falar, para brincar, para aprender e para amadurecer.

Educar uma criança é uma tarefa difícil que exige tempo, paciência, compreensão e muito carinho, tanto dos pais quanto dos professores. Aos poucos a criança ganhará capacidade e habilidade para lidar com o ambiente que a deixa com raiva, com medo, insegura etc.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, E. V. **A descontinuidade entre agressividade e violência: uma contribuição psicanalítica às práticas educacionais.** 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FREUD, S. **Por que a guerra?** [1932]. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.22

LEITE, S. A. S. **Conselho Regional de Psicologia.** Psicologia no Ensino de 2º grau: uma proposta emancipadora. In:

_____. Agressividade. 2 ed. São Paulo: Edicon, 1987. p. 147-170

LINS, M. I. A. **Agressividade e provisão ambiental.** In: Natureza Humana. Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas. Vol. 11, nº 1, 2000. PUC- SP. Disponível em: < http://www.espaçowinnicott.com.br/cesta_lins.asp> Acesso em: 16 maio de 2007

STORR, A. **A agressão humana.** In: _____. A agressão no desenvolvimento da infância. Traduzido da 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970, p. 54-65

WINNICOTT, D. W. **A Criança e o seu Mundo.** 6 ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, 1982. 272 p.

_____. **Privação e delinqüência.** In: Natureza e origens da tendência anti-social. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 89-127.

Bibliografia Complementar

BARROS, C. S. G. **Pontos de psicologia do desenvolvimento.** In: Estudos sobre a agressão. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990. p. 138-150

DAVIS, Cláudia, OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na educação** – São Paulo: Cortez, 1990. p.11 – 13.

MARQUES, Mirene F. M. A. **A agressividade nas crianças pequenas.** Disponível em: http://guiadobebe.uol.com.br/bb2a3/a_agressividade_nas_crianças_pequenas.htm Acesso em: 20 abr. 2008

OZELLA, Sérgio. **A representação social dos pais sobre a vida familiar e o comportamento agressivo dos filhos. Um estudo exploratório.** 1979. 174 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)- PUC, São Paulo, 1979.